

ENTRE GAROTOS NEGROS: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, MASCULINIDADES, RAÇA E VIVÊNCIAS

Paulo Melgaço da Silva Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro- pmelgaco@uol.com.br

Resumo

A proposta central que permeia este trabalho é investigar como adolescentes negros da periferia do Rio de Janeiro se co/constroem, vivenciam e apresentam suas masculinidades nas escolas. Acreditamos que as masculinidades são construídas com base em projetos de masculinidades hegemônicas, defendidas como modelo único de masculinidade. Contudo principalmente devido ao processo de colonização, os homens negros tiveram suas masculinidades construídas a partir da estrutura falocêntrica. Para tal, realizamos uma roda de conversa com 4 alunos negros buscando tentar entender como eles se constroem como negros. Percebemos a força do termo “negão” no discurso dos entrevistados, ao mesmo tempo em que destacam a virilidade, a prontidão para o ato sexual negam a possibilidade da homossexualidade embora afirmem ter tido relações com homens. As falas evidenciaram o medo da violência policial a que estão expostos. Com isso, dar voz a estes garotos pode possibilitar uma maior aproximação entre a escola e as juventudes visando colocar em xeque discursos essencializados e congelamentos identitários presentes no cotidiano escolar.

Palavras chaves: Masculinidades Negras, Sexualidades, Raça, Cotidiano Escolar.

Reflexões iniciais

As questões relativas a raça, gênero e classe social estão imbricadas e são responsáveis pela hierarquização social. A todo momento somos interpelados e classificados a partir das expectativas que estas subjetividades são criadas em outros sujeitos sociais. Apesar dos temas masculinidades, raça, gênero, sexualidades, classe social estarem cada vez mais presentes em nossa sociedade, ainda encontramos grandes desafios para que atravessem os muros escolares e se façam presentes em nossa prática cotidiana nas escolas.

Os/as docentes possuem grande dificuldade em abordar estas questões em sala de aula. Ao colocarem constantemente a sexualidade no campo da vida privada, ao descontextualizarem as questões raciais e de classe social acabam por anular importantes percepções e consequências sociopolíticas e culturais mais amplas. Os corpos na escola apresentam-se alheios as questões da sexualidade e da raça ignorando prazeres e desejos. Neste sentido, a escola se encarregou (e se

encarrega) de ignorar o corpo e suas representações, uma vez que é a cognição que ocupa destaque nas salas de aula. Contudo, mesmo que a escola ainda contribua para um apagamento do corpo, podemos pensar a mesma como produtora de identidades corporificadas produzindo e reproduzindo corpos generificados, sexualizados e racializados.

É relevante destacar que a escola constitui um local privilegiado para que meninos e meninas aprendam as possibilidades de ser masculinos e femininos. Será nessas instituições que as relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas se darão com grande intensidade, pelo discurso e por práticas de regulação de corpos e desejos. Ela constitui o primeiro centro social fora do núcleo familiar, onde a criança poderá colocar em questionamento ou confirmar as informações e visões de mundo ensinadas pelos familiares. Conforme Moita Lopes (2002, p. 91) “as escolas, por exemplo, determinam em grande parte não somente o que as pessoas fazem como também quem são, serão e podem ser”, tendo também a função de “legitimar ou recusar essas identidades, entre outros significados previamente construídos” (MOITA LOPES, 2002, p. 204).

Assim as escolas precisam buscar a inteligibilidade para todos os sujeitos, propor possibilidades de pensar em vidas que não são pensadas ou reconhecidas como tal. Contudo, não se trata, porém, de introduzir um novo conhecimento ao currículo, ou seja, uma disciplina específica. Nossa proposta é que estas discussões estejam presentes no fazer cotidiano dos/as professores/as. Acreditamos que a questão central seja problematizar o conhecimento inscrito, desestabilizar os binários e as verdades construídas sobre gênero, sexualidades, raça, classe.

Assim, defendemos a importância de tematizar estas questões no cotidiano escolar em conjunto com as discussões propostas pela disciplina e em outros momentos possíveis durante o convívio escolar. Nesta perspectiva, este trabalho aborda alguns modos com os quais jovens estudantes do 9º ano de uma escola pública de Duque de Caxias, periferia urbana do Rio de Janeiro, co/constroem e revelam no cotidiano escolar suas visões de gênero, sexualidades masculinidades e raça.

É relevante ressaltar que trabalhar com periferias urbanas abre possibilidades de conhecer como determinados discursos e conceitos que circulam nos grandes centros são apropriados e reinventados. As relações de vizinhança persistem muito mais do que em bairros de classe média ou alta. As necessidades básicas, os espaços de sociabilidade, fazem com que sejam redesenhadas novas formas de perceber o mundo social (SILVA JUNIOR; MOREIRA, 2010).

A escola na qual foi desenvolvido este trabalho atende estudantes do Ciclo de alfabetização ao 9º ano do Ensino Fundamental. Localizada no 2º Distrito de Duque de Caxias, a escola tem

aproximadamente 35 anos de existência e atende a alunos/as da Educação Infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental. Seu público são moradores e moradoras do bairro e de favelas próximas. É o único órgão representante do poder público na região, que exhibe um grande número de igrejas evangélicas, alguns terreiros de candomblé, bares, biroskas, lan houses e pequenas vendas (mercados e padarias) para atender a comunidade composta por trabalhadores/as informais, faxineiros/as, empregados/as domésticos/as e desempregados/as.

Nestes espaços, a população pertence às camadas populares, é economicamente desfavorecida e passa por grandes dificuldades financeiras. Ressalto que trabalho como professor de artes nesta instituição pública há aproximadamente 15 anos. Assim, ao longo deste período, tenho presenciado diversos discursos de alunos/as em relação aos temas em tela e com isto defendido a importância das escolas problematizarem visões cristalizadas e essencializadas de gênero, sexualidades, masculinidades e raça (MELO; ROCHA; SILVA JUNIOR, 2013; SILVA JUNIOR, 2014; SILVA JUNIOR; IVENICKI, 2015).

O objetivo central deste texto é buscar caminhos para problematizar as noções de gênero, sexualidades, masculinidades e raça, trazendo à tona a necessidade de reconhecer outras possibilidades para discussão destes temas em sala de aula. Para tal, realizei como atividade extra classe uma roda de conversa com quatro alunos negros do 9º para conhecermos a partir de suas narrativas como se posicionam como narradores e narram os acontecimentos do evento se construindo como homem negros, criando significados sobre a masculinidade legitimada e reconhecida pelo senso comum.

A roda de conversa aconteceu em uma sexta feira dia 2 de junho pela manhã, pois logo após realizarmos um passeio cultural pelo Centro histórico do Rio de Janeiro com alguns alunos. Assim, o grupo chegou a escola por volta das 7 horas da manhã. Destaco que todos foram informados da proposta, solicitei autorização aos pais para a gravação em áudio da conversa que intitulamos: entre adolescentes negros. Os alunos que participaram da roda foram: Pedro, 17 anos; Thiago 16 anos, Daniel 15 anos e Lorrán 15 anos.

Entre colonialidade e decolonialidade

As questões de subalternização e hierarquização de determinadas subjetividades e as ações que justificam a violência contra o outro estão pautadas no processo de colonialidade. De acordo com Mignolo (2007), a colonialidade envolve as relações de poder que emergiram no contexto de

colonialismo europeu na América, Ásia e África. Entretanto, seus efeitos não limitam-se a este período histórico de domínio imperial que deixou suas consequências físico-psicológicas de subalternidades epistêmicas e racistas no Ocidente. Não obstante, ao término do tempo histórico de regime colonialista, seus efeitos permanecem presente nos modos como é projetado e concebido os conhecimentos.

Neste aspecto Castro-Gomes (2005) nos mostra que a espoliação colonial foi legitimada por um conjunto de concepções que acabou por estabelecer as diferenças entre colonizador/a e colonizado/a. É relevante destacar que colonialidade é diferente de colonialismo. Walsh (2009a) esclarece que, apesar de relacionados, estes são conceitos distintos. A colonialidade é mais duradora e envolve as relações de poder que emergem do contexto da colonização europeia e que têm associado dominação/ subordinação, colonizador/ colonizado, apesar da emancipação das colônias. A colonialidade é parte constitutiva da modernidade, é seu lado sombrio, oculto e silenciado (MIGNOLO, 2003), ela determina a subalternização e a dependência.

Conforme dito anteriormente o gênero deve ser compreendido como uma dimensão central de nossa vida social. As suas dinâmicas tomam formas específicas em contextos coloniais e pós coloniais (CONNELL, 2016). Neste sentido, Lugones (2007) afirma que as relações de gênero são marcadas e estão diretamente relacionadas a colonialidade do poder. Com isto, não podemos perder de vista que o processo de colonização da América foi bastante generificado, marcado pelo masculino, pela sexualização das nativas, dos negros e das negras. Com efeito, o mesmo aconteceu no Brasil no Brasil, o processo de colonização foi extremamente sexualizado, como podemos verificar desde a leitura da Carta de Caminha que fala das índias nuas, até posteriormente com a chegada dos/as negros/as.

Neste sentido, para além das questões de gênero e raça, as sexualidades e masculinidades também podem ser pensadas com base nesse eixo, em que o colonizador (homem, branco, europeu, heterossexual) se vê como superior. Com isso, as outras subjetividades, o outro, o diferente, o colonizado, têm seu imaginário destruído, subalternizado e invisibilizado. Assim, o gênero assume importância crucial para esse discurso, pois os corpos são as arenas para a construção de padrões generificados (CONNELL, 2000). Connell (2016) explica, nesta perspectiva, que as masculinidades são configurações de práticas associadas com a posição social dos homens. Elas são definidas coletivamente na cultura e sustentadas nas instituições.

Para não concluir

A questão que esteve implícita ao longo deste estudo foi como que quatro estudantes negros do ensino fundamental constroem suas masculinidades baseados nos discursos de masculinidades hegemônicas. Conhecer os discursos e as narrativas de sexualidade dos/das estudantes pode contribuir para a construção de um currículo que englobe os rapazes nas discussões de gênero nas escolas, que permita valorizar e reconhecer as diversas identidades sexuais e principalmente problematizar e desconstruir o discurso da masculinidade hegemônica.

No entanto é necessário compreender que essas observações e pesquisa aconteceram em um contexto específico. Em outro contexto estes estudantes podem se construir de outra maneira. Existe também a possibilidade de os adolescentes participarem de outras experiências de vidas e então certamente, existe a possibilidade de agência, de reinvenção de seus discursos e de suas masculinidades.

Com isso, acredito este artigo possa contribuir para a compreensão da juventude e para os estudos no campo da educação. Uma vez que, seu entendimento, pode favorecer a aproximação entre escola, os jovens e as questões próprias do gênero masculino

REFERÊNCIAS:

- BADINTER, E. (1993). XY.Sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARNARD, I. Queer race. Nova York: Lang, 2004.
- BASTOS, L. C. (2005) Contando Estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. Caleidoscópio V.3, nº 2 maio/agosto p.44/47.
- BROCKMEIER, J. & HARRÉ R. (1997) Narrative: problems and promises of an alternative paradigm. Research on Language and Social Interaction, 30 (4) p. 263 -283.
- CONNELL, R. W. (1995). Políticas de Masculinidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Educação e Realidade – 20 (2) p. 185 – 206.
- _____(2000) The Men and the Boys. Berkeley: The University of California Press.
- _____. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.
- FROSH, S. PHOENIX, A. & PATTMAN (2002). Young Masculinities. New York: Palgrave.
- LUGONES M. Heterosexism and the colonial/modern gender system. Hypatia, v. 22, n. 1, p. 186-219, 2007.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

MIGNOLO, W. Histórias globais projetos locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Org.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar/Universidad Central-IESCO /Siglo del Hombre Editores, 2007.

MELO G. C. V.; ROCHA L. L.; SILVA JUNIOR, P. M. Raça, gênero e sexualidade interrogando professores (as): perspectivas queer sobre a formação docente. Poiesis, v. 7, n. 12, p. 237 – 255, jun./dez. 2013

MOITA LOPES, L.P. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. On being white, heterosexual and male at school: multiple positionings in oral narratives. In: SCHIFFRIN, D; DE FINNA, A.; BAMBERG, M. Identity and discourse. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Oliveira, Carolina, Atlas da Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas. In carta capital www.cartacapital.com.br).

SCHIFFRIN, D. (1994) Speech Act Theory. In: SCHIFFRIN, D Approachse to Discourse. Cambridge, Mass: Blackwell.

SILVA JUNIOR, P. M.; IVENICKI, A. Sou negão com prazer!: Em busca de possibilidades de problematizar o processo de construção das masculinidades negras. In: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES: MORALIDADES, FAMÍLIA E FECUNDIDADE, 4., 2015, Salvador. Anais... Salvador: UNEB, 2015.

SILVA JUNIOR, P. M.; MOREIRA, A. F. Periferias, sexualidades e educação para a sexualidade: desafios para as práticas curriculares. In: SOBREIRA, H. G. (Org.). Educação, cultura e comunicação nas periferias urbanas. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2010. p. 21-39.

SILVA JUNIOR, P. M. Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar. 2014. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOARES, E.

SODRÉ, M. Claros e escuros. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

THORNBORROW, J. COATES, J. (2005) The Sociolinguistics of narrative: Identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J. COATES, J. The Sociolinguistics of narrative. Amsterdam: John Bejamins.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas Y políticas. In: CONGRESSO ARIC, 12., 2009, Florianópolis. Conferência inaugural... Florianópolis: UFSC, 2009a.

_____. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re- viver. In: CANDAU, V. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. RJ: 7Letras, 2009b. p. 12- 42.

WILCHINS, R. Queer theory, gender theory. Los Angeles: Alysson Books, 2004

WORTHAM, S. (2001) Narratives in Action. New York: Teacrs College Press.

YUKA, M. Todo camburão tem um pouco de navio negroiro. Intérprete: O Rappa. In: O Rappa. Rio de Janeiro: Sony, 1994. 1 disco sonoro